

SAÚDE, SINAL DE VIDA PLENA: “A tua fé te salvou” (Mc 5,21-43)

Clélia Peretti*

Resumo

Nosso estudo tem por fundamentação teórica os textos bíblicos e objetiva, por meio dos relatos de cura, aprofundar questões relativas ao ser humano, seus sentimentos, vivências e seus vínculos com o grupo e/ou comunidade para reintegrar-se ao mundo real. Na tradição cristã católica, a Igreja é apresentada como comunidade que anuncia, propõe e dá a salvação. É na superação das situações de doença e exclusões que se manifesta a ação salvífica de Deus. Ao anunciar o seu projeto Jesus realiza muitas curas e inclui aquelas pessoas que a sociedade da época excluía. A cura significa sempre uma transformação profunda, uma mudança de vida, pois o doente recuperado não recebe somente a saúde, mas também a salvação. Diante deste estudo, pode-se dizer que é de fundamental importância oferecer um trabalho pastoral, com uma abordagem interdisciplinar, que promova a educação em saúde e o sentido do sofrimento para a população em geral, à luz das experiências bíblicas, e contribua de modo significativo para que estes sujeitos descubram seus valores como seres integrantes da sociedade, ajudando-os no seu processo de reintegração e reinserção social.

Palavras-chave: Doença. Cura. Salvação. Saúde. Marginalidade.

Abstract

Our study is based on biblical text and it objectifies – through the accounts of healing – the deeper issues relating to human beings, their feelings, experiences and their ties to the group and / or community to rejoin the real world. In the Catholic Christian tradition, the Church is presented as a community that advertises, offers and gives salvation. It is the overcoming of disease conditions and exclusions that manifests God’s saving action. By announcing his project Jesus performs many healings and includes those people that society

* Doutora em Teologia (EST/São Leopoldo). Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

at the time has excluded. Healing always means a profound change, a lifestyle change, not because the patient recovered receives only health, but also salvation. Before this study, it can be said that it is very important to offer pastoral work with an interdisciplinary approach that promotes health education and the meaning of suffering for the general population in the light of biblical experiences, in order to contribute significantly for the people who needs to discover their values as being members of society, helping them in their process of reintegration and social reintegration.

Keywords: *Disease. Healing. Salvation. Health Marginality.*

Introdução

O tema *Saúde: sinal de vida plena*, objeto dessa reflexão, nos impele a “olhar e escutar” à luz dos ensinamentos bíblico-teológicos os apelos de milhões de pessoas em busca de vida mais saudável. São inegáveis, porém ainda incipientes, os avanços alcançados na atenção e cuidado à saúde em nosso país. Muitos dos problemas verificados na área da saúde têm como referência os contextos sócio-históricos que influenciaram a construção de modelos explicativos para o sofrimento humano. A saúde e o adoecer são formas pelas quais a vida se manifesta. Correspondem a experiências singulares e subjetivas, impossíveis de serem reconhecidas e significadas integralmente pela palavra. A saúde não é objeto que se possa delimitar, não se traduz apenas em conceito científico, da mesma forma que o sofrimento que caracteriza o adoecer¹. A saúde é um bem tão prezado que nenhuma cultura se resigna a buscá-la por um único caminho. O entendimento da doença e suas causas, as formas individuais e coletivas de reagir diante dela, os valores que determinam ambas as coisas, as opções terapêuticas disponíveis, ou as instituições sociais dedicadas ao seu tratamento, estão vinculadas entre si e formam um sistema integrado no conjunto social.

De acordo com Ítalo Tronca² a doença rompe suas fronteiras de tangibilidade e se mistura com os aspectos da linguagem e da cultura, formando um rico mosaico de representações sociais. Assim, um fenômeno biológico existe de forma independente do que possamos pensar ou imaginar em torno dele. Dessa forma, a dor e os sintomas são campos socialmente estruturados na interface de contextos sociais de curto e longo alcance histórico e legitimados pelos seus semelhantes. É importante ressaltar que, em diversos períodos da história, doenças intimamente ligadas à morte carregam o estigma social e tendem a segregar e afastar indivíduos do convívio na comunidade. As doenças que não são simplesmente fatais, mas que transformam o corpo em algo

1. CZERESNIA, D.; FREITAS, C.M. (org.). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões e tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003, p.15-38.

2. TRONCA, I. *As máscaras do medo: leprAids*. São Paulo: Unicamp, 2000.

repulsivo, como a lepra, a sífilis, o cólera, o câncer e a Aids, são consideradas no imaginário social como “peste”. Para Susan Sontag a metáfora “peste” representa calamidades, males coletivos e doenças assustadoras³. Dentre essas doenças, a Aids é a que mais gera segregação e discriminação hoje.

Nosso estudo tem por fundamentação teórica os textos bíblicos e objetiva, por meio dos *relatos de cura*, aprofundar questões relativas ao ser humano, seus sentimentos, vivências e vínculos com o grupo e/ou comunidade para reintegrar-se ao mundo real. Nossa reflexão parte do pressuposto de que o sofrimento e a angústia, causados pelo HIV/Aids e outras doenças que afetam a sociedade, requerem uma visão bíblico-teológica que ilumine a prática pastoral. Os sentimentos relacionados a esta doença como o medo, a vergonha, a culpa, a exclusão social, a rejeição e a raiva fazem parte do seu cotidiano.

A Bíblia e em particular os Evangelhos sinóticos nos revelam que a salvação e a libertação do mal dos homens fisicamente diminuídos são narradas por meio de milagres de cura de doentes. Jesus se aproxima dos que se consideram abandonados por Deus, Ele toca os leprosos que ninguém toca, desperta a confiança naqueles que não têm acesso ao Templo e os integra no povo de Deus. Ele dá um sentido religioso aos gestos de ajuda ou de libertação dos oprimidos fisicamente. Os dois aspectos dominantes da atividade de Jesus narrada nos Evangelhos são a pregação da boa-nova e a cura dos doentes: “Ele percorria todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas e pregando o Evangelho do Reino, enquanto curava toda sorte de doenças e enfermidades” (Mt 9,35; 4,23). Jesus vai ao encontro dos anseios de salvação dos gentios, presente nesta época como verdadeiro *Soter* “Salvador”, pois também para eles é a salvação⁴; Ele foi reconhecido como um grande “curador”, e foi invocado com o título de médico, não só das almas.

Na tradição cristã católica, a Igreja é apresentada como comunidade que anuncia, propõe e dá a salvação, ela é “sinal e instrumento de salvação”⁵. Jesus veio para nos dar vida, não individualmente, mas em comunidade. Jesus não veio ao mundo apenas para nos manifestar sua divindade ou nos revelar os grandes problemas da existência humana. Ele veio – e os evangelhos são claros – para que tivéssemos a *vida abundante* (Jo 10,10), para resgatar o que tinha perecido (Lc 19,10). Este é o verdadeiro objetivo da encarnação do Filho de Deus: oferecer a salvação, isto é, a vida plena.

Uma análise, mesmo que rápida da cura dos doentes nos Evangelhos, não pode desconsiderar que o problema da salvação, mesmo se formulado diversamente, está

3. SONTAG, S. *AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

4. “Pois para vós é a promessa, assim como para vossos filhos e *para todos aqueles que estão longe*, isto é, para *quantos o Senhor*, nosso Deus, *chamar*” (At 2,9).

5. “A Igreja é em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituição dogmática *Lumen Gentium*. In: *Vaticano II*: mensagens, discursos, documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 184, n. 1).

no centro das instâncias religiosas dos vários povos e hoje mobiliza multidões de pessoas, que estão em conexão como os diversos movimentos políticos e sociais. Muitos são os apelos bíblico-teológicos relativos à justiça e a solidariedade no campo social. De fato, uma reflexão ética sobre a vida não pode prescindir de prestar toda a atenção necessária à dimensão espiritual da saúde da pessoa humana.

1. A cura dos doentes na Bíblia

Desde a antiguidade as religiões procuraram oferecer respostas à dor, ao sofrimento, ao mal e à morte. Encontramos no Antigo Testamento várias passagens que relacionam pecado e doença e que tanto uma como a outra recebem de Deus perdão e cura através da oração. Os cegos também são os que não são capazes de ver as maravilhas de Deus; os surdos são os que não escutam a palavra de Deus (Is 29,19; Jo 9,39.41). As situações descritas nos Salmos exprimem os sentimentos de doentes acometidos dos mais diversos tipos de doença (Sl 6,3-4.7-8; 22,14-16.18; 38,1.18; 102,4-6). A primeira enfermidade a ser reportada, e que se encontra mais frequentemente citada na Bíblia, é a esterilidade: Sara (Gn 11,30), Rebeca (Gn 25,21), Raquel (Gn 29,31), Ana (1Sm 1,5) etc. Ao Senhor da vida e da morte competia tornar a mulher fecunda ou estéril. No Novo Testamento a esterilidade era motivo de vergonha para a mulher, como podemos ver no caso de Isabel (Lc 1,24).

Os doentes mais frequentemente citados na Bíblia são os acometidos de afecções cutâneas, cegueiras, surdez, paralisia e esterilidade, doenças que simbolizavam um mal maior, de ordem espiritual. Em razão da enormidade do sofrimento, do significado religioso da doença, vêm em primeiro lugar os leprosos. No Antigo Testamento a tragédia das pessoas com doença de pele (lepra) não consistia tanto em sentir-se sujos e repulsivos que todos evitavam, mas consistia em sentirem-se abandonadas por Deus e segregadas da comunidade por temor de contágio: “O leproso portador desta enfermidade trará suas vestes rasgadas e seus cabelos desgrenhados; cobrirá o bigode e clamará: ‘Impuro! Impuro!’ Enquanto durar sua enfermidade, ficará impuro e, estando impuro, morará à parte: sua habitação será fora do acampamento” (Lv 13,45-46).

Na tradição bíblica, a vítima de lepra era excluída da comunidade e proibida de participar da adoração a Deus, o Santo, no Templo. A pessoa doente leva sinais de luto, como quem foi punida por Deus, castigada pelo pecado (Nm 12,13; 2Rs 5,27; 5,5; 2Cr 26,16-21). A libertação da lepra é o fim da exclusão social e religiosa, é a reintegração do homem na sua dignidade e comunidade. Os exemplos típicos de lepra são os de Miriam, irmã de Moisés (Nm 12,1-15), do rei Ozias (2Rs 15,5; 2Cr 26,19-20), Naamã, chefe do exército do rei de Aram (2Rs 5,1-14.27), curado graças ao ministério do profeta Eliseu, lembrado por Jesus quando lastimou a falta da fé de seus contemporâneos (Lc 4,27). “A maior angústia do leproso é pensar que talvez nunca mais possa retornar à sua comunidade”⁶.

6. PAGOLA, J.A. *Jesus: aproximação histórica*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 195.

Além desses doentes, a Bíblia recorda alguns outros males que tiveram impacto na memória do povo: bebedeira (1Sm 25,37-39); impiedades e crimes (2Cr 21,18-19); crises de loucura (1Sm 16,14-23; 18,6-12); doença mental (Dn 4,25-34; Is 38,1-39; 2Rs 20; 2Cr 32,24-31); deficiência física (2Sm 4,4).

Os textos bíblicos mostram que havia no povo diversos modos de encarar a doença, como ação soberana de Deus, como maldição, castigo do pecado. A ideia que o Antigo Israel tinha de doença e sofrimento, ligada muitas vezes à lei da retribuição (prosperidade, riqueza, saúde, longevidade, descendência numerosa) e aos males (miséria, doença, morte prematura, escravidão, esterilidade), levava o povo a afastar-se de Deus, e afastar-se da vida, e ir ao encontro da morte. Mais que uma punição, a morte é a consequência lógica, interna do pecado.

Que Javé salva, cura, liberta é bíblicamente afirmado em centena de vezes no Antigo Testamento. A salvação de Javé se estende para além de Israel. É estendida, no sentido que os atos e o poder salvíficos de Javé devem ser proclamados e reconhecidos pelo mundo inteiro (Sl 67,3; 98,2-3; Is 43,3; 49,6; 52,10). Assim, todos os homens confessam que somente Javé pode salvar, e nele deverão procurar a salvação, pois é o único que pode salvar (Is 45,22) e ouvirão a salvação proclamada por Javé (Is 49,6). Entende-se que a salvação possui, aqui, o sentido de libertação. Deus fez sair do Egito os hebreus cativos (Ex 15,2); protege-os contra todos os perigos, designadamente o das invasões estrangeiras (2Rs 19; 1Mc 3,18) e restituiu-lhes a paz. Para merecer a proteção de Deus, o povo tem de se conduzir dentro da Lei. Os profetas insistirão por isso na relação existente entre salvação e a instauração da justiça (Is 59; 60,17-18).

No Novo Testamento a cura torna-se um lugar privilegiado em que se revela a figura de Jesus, enquanto Cristo e Salvador. As narrações de cura e os discursos de ensinamento estão associados estritamente aos verbos ensinar e curar⁷. Jesus ensina na sinagoga, revela sua autoridade para falar ao povo sobre Deus e seu plano de Salvação. É um mestre que está em continuidade com as antigas promessas de Deus. Ele cria uma comunidade e ao redor de si discípulos (Mc 6,1-6a). A pregação de Jesus engloba o cumprimento das promessas de Deus (Lc 4,16-30), a restauração do homem e da mulher à saúde e a expulsão dos demônios (Lc 4,31-44). A Galileia é o lugar onde Jesus reúne testemunhas de seu ministério (At 1,11): “homens da Galileia” (At 1,21-22), os critérios para ser um apóstolo.

A concepção de salvação neotestamentária leva a uma singular figura de Jesus e de comunidade-Igreja, continuadora de sua obra no tempo. O termo “salvar” (*sozeîn*) usado dezessete vezes no evangelho de Lucas e (treze nos Atos dos Apóstolos), “salvador” (*soter*: 1,47; 2,11; At 5,31; 13,23) presente nos evangelhos só em João (4,42); “salvação” (*soteria* ou *sotérion*): Jo 1,69-71.77; 2,30; 3,6; 19,9 com outros sete testemunhos nos Atos dos Apóstolos revelam o profundo sentido dado à pessoa de Jesus Salvador.

7. TURIOT, C. Cura. In: LACOSTE, J. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 502.

O título de *soter*, na literatura e nas inscrições gregas e helenistas, é atribuído a diversos deuses: Júpiter, Hércules, Séraps e Osíris nos cultos místéricos e em particular a Esculápio, o curador; e neste último caso o título significa curador. *Soter* é um título atribuído, em inscrições gregas, a homens importantes que prestaram serviços públicos, ou seja, aos reis helenistas e aos imperadores de Roma. Quando aparece no Novo Testamento, significa que os cristãos já apresentavam Jesus como o único *Soter*, o qual efetua a salvação falsamente prometida naqueles cultos. A *soteria* é também alcançada por aqueles que são iniciados nos mistérios. Para os cristãos, Jesus é o Salvador que dá a vida para reconciliar o homem com Deus e arrancá-los do pecado e da morte. A Salvação, portanto, já foi concebida e realizar-se-á plenamente na ressurreição final (Rm 5,9-10).

Nos evangelhos sinóticos o termo *sozein* “salvar” significa uma cura realizada por Jesus (Mt 9,21; Mc 3,4; 5,23; 6,56; Lc 6,9; 8,36.50; 17,19). Essa salvação é atribuída à fé da pessoa curada (Mt 9,22; Mc 5,34; 10,52; Lc 8,48; 17,19; 18,42). Aqui e em outras passagens é muito provável que o termo “salvar” seja usado em sentido pleno para sugerir que a cura é um sinal visível do poder salvífico de Jesus, que confere uma salvação infinitamente superior à saúde do corpo, é a salvação do pecado. Ele dá o arrependimento e o perdão do pecado⁸. Desse modo, a fé se apresenta como o princípio de salvação da doença e Jesus atribui a cura, em diversos casos à fé (Mt 9,22; Mc 5,34; 10,52; 18,42; Lc 8,48; 17,19). A mesma frase: “a tua fé te salvou”, é dirigida à mulher arrependida a respeito do perdão dos pecados (Lc 7,50). O Deus dos Evangelhos não se apresenta como o “Deus dos justos”, e sim como o “Deus dos que sofrem”: os cegos, os paralíticos, surdos-mudos, gente com doenças da pele, transtornados. Jesus, o Santo de Deus (Lc 4,33-34), rompe as barreiras que separavam os puros dos impuros, toca os impuros e os restabelece ao fomento da comunidade humana (Mc 1,40-45).

Quando o evangelista Lucas, no capítulo 4,18-19, esboça uma síntese da tarefa de Jesus mediante a citação de um texto de Is 61,1-2a⁹, que Jesus declara realizada na sua pessoa, define o conteúdo e os destinatários do projeto salvífico de Jesus. “A salvação é uma boa-nova que consiste na libertação dos prisioneiros e dos oprimidos, em dar a luz aos cegos. Os destinatários da salvação são os pobres, logo identificados com os que estão na prisão, com os que não veem, com os oprimidos”¹⁰. Este tipo de salvação implica por sua vez um dinamismo libertador, que conduz à libertação de todo tipo de escravidão (Lc 4,16-22), onde se apresenta Jesus oferecendo libertação, cumprindo a promessa do ano jubilar, que implica a abolição de toda a escravidão.

8. MONASTERIO, R.A.; CARMONA, A.R. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. 4. ed. São Paulo: Ave Maria, 2000, p. 314-316.

9. “O Espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor”.

10. FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 207.

2. O ministério de Jesus para com os doentes

A parte dos evangelhos que trata da cura dos doentes nos revela que os ensinamentos de Jesus estão intimamente ligados aos *relatos de cura*, constituindo com estes uma unidade. Os *relatos de cura* servem de ponto de partida e de confirmação daquilo que Jesus ensina. No projeto de Jesus, a salvação é a libertação do homem oprimido pelo mal físico, pelo medo ou fatalidade da morte, do pecado que está na raiz da exclusão. No evangelho de Lucas, como de resto em Mateus e Marcos, a salvação e a libertação do mal dos homens fisicamente diminuídos são narradas por meio de milagres de cura de doentes¹¹. Jesus proclama o Reino de Deus, pondo saúde e vida nas pessoas e na sociedade inteira. No Evangelho encontramos ainda vestígios da mentalidade do Antigo Testamento (que via a doença como castigo do pecado e o perdão como o único caminho para recuperar a saúde) à qual Jesus adapta sua linguagem introduzindo, porém, os conceitos novos com seus gestos e com suas palavras. “De *pecador*, causa de seus males, o doente passa a ser considerado *vítima* e, como tal, merecedor de compaixão que se exprime em amoroso serviço”¹².

A ação de Jesus entre as pessoas não é como a dos escribas: Ele se apresenta como alguém com autoridade, o seu é “um ensinamento novo, feito com autoridade” (Mc 1,22.27). Jesus veio trazer vida plena, salvando o ser humano, libertando-o do mal e de todas as suas conseqüências, instaurando assim o Reino de Deus. As fontes cristãs são unânimes em afirmar que Jesus “percorria toda a Galileia [...] proclamando a boa notícia do reino e curando toda enfermidade e doença entre o povo” (Mt 4,23; Mc 1,39; Mt 9,35; Lc 6,18).

A ação de Jesus entre as pessoas da Galileia não era de reformar sua vida religiosa, mas de ajudá-las a desfrutar de uma vida mais sadia e mais livre do poder do mal. “Na memória dos primeiros cristãos ficou gravada esta lembrança: ‘Ungido por Deus com a força do Espírito Santo, passou fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com Ele’”¹³.

11. É importante, nos relatos de cura, fazer alusão ao conceito de milagre. No Novo Testamento os milagres são equilibrados pelo ensino tanto por palavras quanto por ações e são orientados de acordo com a finalidade do evangelista. O Evangelho de Marcos, destinado para aprofundar a fé dos membros de sua comunidade, relaciona os relatos de cura e outros milagres com o significado salvífico da cruz e ressurreição: sem a cruz os relatos de Jesus ficam desequilibrados. O evangelista fez uso comum dos títulos cristológicos disponíveis: Messias, Filho de Deus, Filho do Homem, Senhor, Filho de Davi, Servo Sofredor e Justo Sofredor. “Qualquer pessoa que deseje entender o Reino de Deus deve olhar para Jesus, o curador, o mestre, o crucificado e ressurreto”. Já Lucas reúne diferentes fontes para transmitir sua cristologia. Em sua narrativa do ministério de Jesus, ele usa Marcos, a fonte de ditos Q, juntamente com seus materiais especiais, L, e os coloca a serviço de sua teologia. Lucas se dirige a um público formado por gentios e usa o recurso literário da promessa e cumprimento. Ele demonstra através do relato querigmático (Lucas-Atos) que “Deus, através de Jesus, foi fiel às promessas feitas a Israel, mas de uma maneira imprescindível, de modo que tornasse possível a inclusão dos gentios, impuros, pobres, mulheres, samaritanos, publicanos ricos e outros tipos de rejeitados, como também membros do povo eleito arrependidos de sua rejeição inicial a Jesus, o Profeta escolhido de Deus. Este Israel é chamado de Israel reconstituído. Está em continuidade com o antigo”. A missão de Jesus é inclusiva na medida em que Ele busca os perdidos e pecadores e os restaura à união com Deus (BROWN, R.E. et al. *Novo comentário Bíblico: São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 67 e 219-220).

12. VENDRAME, C. *A cura dos doentes na Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 45.

13. PAGOLA, *Jesus*, p. 192.

A sequência e o entrelaçamento de curas e ensinamentos são constantes particularmente nos primeiros capítulos de Marcos (Mc 1,23-28; 1,29-31; 1,32-34; 1,39; 3,10; 1,40-45; 2,1-12; 3,1-6; 3,9-12; 5,1-20; 5,25-34; 5,21-24.35-43; 6,12-13; 6,53-56; 7,24-30; 7,32-37; 8,22-26; 9,14-29; 10,46-52) e nos Atos dos Apóstolos (3,1-4,22; 9-14; 9,32-35; 9,36-42; 14,8-18; 16,16-18; 20,7-12; 28,3-6; 28,7-8; 5,12-16; 6,8; 8,5-8). O povo vê, escuta e dá glória a Deus.

Em Lucas os amigos do paralítico (Lc 5,17-26) creem profundamente que Deus age para curar através de Jesus. “Vendo-lhes a fé, ele disse: ‘Homem, teus pecados estão perdoados’” (Lc 5,20). Jesus restaura o doente à comunhão com Deus. A restauração à saúde plena, uma ação visível externamente (5,24-26), é testemunho da autoridade de Jesus para realizar o perdão dos pecados, que não é visível aos olhos humanos. O novo estilo de vida do homem é símbolo das consequências do perdão. A missão de Jesus se destina aos pecadores (Lc 5,27-32). A mensagem do reino universal de Jesus enfurece os fariseus que têm uma concepção limitada de quem pode ser salvo. Jesus chama um publicano desprezado e ele responde incondicionadamente. Jesus cura no sábado (Lc 6,6-11): Ele e seus discípulos não estão presos aos regulamentos do sábado quando a questão é fazer ou salvar a vida de uma pessoa. Jesus, o Filho do Homem, enuncia o princípio da compaixão. O profeta de Deus se compadece de uma viúva (Lc 7,11-17). Este relato prepara Lc 7,22 e anuncia que Jesus prega e liberta as pessoas que estão aprisionadas pela morte. Uma pecadora responde com gratidão à dádiva do perdão (Lc 7,36-50). Neste relato Jesus proclama o amor de Deus para com os pecadores. O poder de Jesus vai além da pureza ritual e dá vida a duas mulheres (Lc 8,40-56; Mc 5,21-43). Ele não permite que as leis da impureza ritual impeçam a sua missão em benefício de todos. Para Lucas o Reino de Deus restabelece a integridade de homens e mulheres (Lc 4,31-34).

Além do relato da cura de Lc 4,38-39 e do acalmar da tempestade (Lc 8,22-25), Lucas faz referência aos exorcismos de Jesus: 8,26-39; 9,37-43. Em seus exorcismos (11,20; At 10,38) Jesus mostra a natureza do reinado de Deus: todo o seu ministério pode ser descrito como a libertação de todas as pessoas que são oprimidas pelos poderes do mal. O tema da misericórdia e acolhimento é ilustrado em três relatos: a cura de um oficial pagão (7,1-10), a ressurreição do filho da viúva de Naim (7,11-17), o perdão a uma pecadora anônima (7,36-50). Estes episódios revelam que Jesus é um profeta “poderoso em palavras e obras” (24,39), “que atua e põe ao alcance da mão dos mais miseráveis a salvação de Deus”¹⁴.

Os doentes eram e são entre as vítimas mais necessitadas de ajuda. O primeiro olhar de Jesus não se dirige aos pecadores que precisam ser chamados a converter-se, mas aos que sofrem a enfermidade ou o desamparo e anseiam para mais vida e saúde. Assim, a atitude de Jesus para com os doentes revela o amor de Deus, rico de misericórdia, que tem predileção por seus filhos que sofrem e têm maior necessidade de ajuda. Ele se aproxima dos que se consideram abandonados por Deus, toca os leprosos que ninguém toca, desperta a confiança naqueles que não têm acesso ao

14. FABRIS; MAGGIONI, *Os Evangelhos* (II), p. 206.

Templo e os integra no povo de Deus. Jesus dá um sentido religioso aos gestos de ajuda ou libertação dos homens oprimidos fisicamente.

Os evangelistas Marcos e Mateus resumem desde o primeiro momento o ministério de Jesus na proclamação do Reino de Deus (Mc 1,14s; Mt 4,12.23), enquanto que Lucas o faz na obra profético-salvadora de Jesus (4,16-22) e traduz a realidade significada pelo reino em categorias teológicas: salvação, amor e misericórdia. O evangelho de Lucas se qualifica como o anúncio da “Boa-Nova” para os pobres. De fato, no seu evangelho um clima de alegria e de festa permeia os episódios em que Jesus mestre fala ao povo, cura os doentes, aproxima-se dos excluídos, come com os pecadores, acolhe as mulheres e abençoa as crianças. Todas estas categorias de pobres são os destinatários do alegre anúncio e das primícias de salvação.

Em Lucas a atividade de Jesus, suas palavras, os milagres e os encontros com as multidões são cadenciados por uma progressão geográfica, que dá unidade aos acontecimentos, da Galileia à Judeia. Jesus passa através da Palestina partindo da Galileia, dirigindo-se a Jerusalém. No caminho rumo a Jerusalém e à cruz, Jesus é seguido pelos discípulos e por uma grande multidão. No meio da multidão há cegos, paralíticos, surdo-mudos, gente com doença de pele, endemoninhados. Muitos são enfermos incuráveis, abandonados à própria sorte e incapazes de ganhar seu sustento, vivendo de mendicância. Jesus encontra-os jogados pelos caminhos, na entrada dos povoados ou nas sinagogas, procurando comover o coração das pessoas. Jesus, cheio do Espírito de Deus, cura os enfermos, expulsa os demônios e liberta as pessoas do mal, da indignidade e da exclusão. Ele os integra no plano salvífico de Deus¹⁵.

3. Formas de entender a doença e a cura

A doença na Bíblia, muitas vezes contagiosa ou considerada como tal, é percebida como flagelo social, como no caso da lepra. Ela acarreta exclusão, mas sua cura exige um controle: o doente, que se presume curado, deve deslocar-se para fazer-se examinar pelas autoridades competentes, sacerdotes e levitas. A descrição dos procedimentos e das prescrições ocupa um lugar importante da Torá (Lv 13–14). Quando Jesus cura leprosos, submete seus pacientes a essa lei, enviando-os aos sacerdotes (Lc 17,14). As curas eram obtidas mediante a invocação a Deus, ou por gestos. Curar no sentido próprio designava libertação de um mal físico, sentido figurado, a de um mal moral, a mitigação de uma dor. Enquanto o homem ocidental contemporâneo está habituado a distinguir claramente os dois registros, a Bíblia apresenta narrativas em que o sentido próprio e figurado estão enredados, onde os registros da doença e do pecado se entrecruzam: não se pode tratar do corpo humano adequadamente senão no encontro do plano físico e espiritual. O conceito de cura não é separado do conceito de salvação nem da purificação (pureza/impureza). O pedido de salvação na boca de um paciente pode também ser, de fato, tanto um pedido de cuidados físicos, quanto um apelo a uma palavra terapeuta.

15. PAGOLA, *Jesus*, p. 195-196.

A postura tradicional do israelita diante da enfermidade era de recorrer a Deus e não aos médicos. O israelita examinava sua conduta, confessava diante de Deus seus pecados e lhe pedia a cura, implorando: “Tem piedade de mim, Senhor, cura-me, porque pequei contra ti” (Sl 40,5). Na impossibilidade de recorrer aos médicos profissionais, os enfermos daqueles povoados procuravam algum curador ou milagreiro. Apenas alguns sábios judeus recomendavam recorrer aos médicos “porque há ocasiões em que a saúde está entre suas mãos” (Eclo 38,13).

Viviam na Galileia, nos tempos de Jesus, “curadores populares que não se atinham a uma medicina profissional nem dependiam de nenhum santuário: magos, exorcistas ou homens santos (*hasidim*), famosos pelo poder de sua oração como Honi ou Hanina ben Dosa, que curavam mais pela sua relação estreita com Deus do que por suas técnicas terapêuticas”¹⁶. É nesse ambiente que se insere a missão curadora de Jesus. Sua atuação deve ter surpreendido fortemente as pessoas da Galileia, pois Ele não se preocupava apenas com o mal físico das pessoas, mas também com sua situação de impotência e de humilhação por causa da enfermidade.

A atuação de Jesus foi marcada historicamente por curas e exorcismos milagrosos. Para uma interpretação teológica é preciso considerar que as curas estão inseridas numa visão geral escatológico-teocêntrica. Com o despoderamento fundamental de satanás (Mc 3,27; Lc 18), o Reino de Deus ganha espaço. A ênfase na fé, presente na tradição neotestamentária dos milagres, é singular e aparece tanto na tradição das palavras (Mc 11,22s), como na tradição das narrativas (9,23s; 10,52a). A confiança incondicional das pessoas enfermas em si mesmas e em Jesus é indivisível e desenvolve forças inusitadas. A dimensão teológico-criacional dos exorcismos e das curas deixa claro que os milagres pertencem ao contexto geral da atuação de Jesus¹⁷. Os Evangelhos nos ensinam que na atuação sanadora de Jesus se revela uma imagem integral do ser humano em todos os níveis: biológico, psíquico, social e espiritual. Em contato permanente com o autor da vida, que está na raiz do nosso ser e em harmonia com todos os outros seres humanos e em sintonia com a toda a criação, é possível experimentar, visivelmente no corpo e na alma, a vinda sanadora de Deus em seu Reino.

4. “A tua fé te salvou”

Para a cura-salvação concedida por Jesus, a fé é a condição essencial: “A tua fé te salvou” (Mc 5,21-43). Esta passagem combina dois relatos de cura – a cura da filha de Jairo (5,21-24.35-43) e a cura da mulher com o fluxo do sangue (5,25-34). Os dois relatos têm alguns pontos em comum: mulheres sofredoras e o mesmo número de anos de sofrimento: doze (5,25.42) e o vocabulário: fé, medo, salva e filha¹⁸.

Jairo era um membro proeminente da sinagoga judaica, provavelmente um membro do conselho dos anciãos que exercia a supervisão em assuntos religiosos.

16. PAGOLA, *Jesus*, p. 198.

17. SCHNELLE, U. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 156-157.

18. BROWN et al., *Novo comentário Bíblico*, p. 87.

Quando Jairo encontra Jesus às margens do Mar da Galileia, sua filha está à beira da morte. Ao aproximar-se de Jesus, Jairo expressa sua crença no poder de Jesus como curador. Rogou-lhe: “Minha filha está morrendo. Vem e impõe nela as mãos para que ela seja salva e viva” (5,23). Os termos técnicos usados na expressão de Jairo (*seja salva e viva*) eram usados nos círculos do protocristianismo para designar a salvação e a vida ressurreta, sugerindo que os primeiros cristãos podem ter entendido a restauração da vida da filha de Jairo como uma prévia ou antecipação da vida ressurreta de Jesus e das pessoas que creem nele. Outro dado importante que emerge deste episódio é a ação de impor as mãos, característica comum em antigos rituais de cura, estando baseada na ideia de que o curador era uma pessoa poderosa (5,27-30).

A descrição da enfermidade da mulher com fluxo de sangue (5,25-34) onde a pressão da multidão é um aspecto importante. O ato de impureza que ela tem que suportar não apenas desconforto físico, mas também o ostracismo social. Ela, como tantos outros que Jesus cura, vive às margens da sociedade. A expressão “*Se ao menos tocar seu manto, serei salva*”, indica que sua ação se baseia na crença de que o contato com Jesus, a pessoa poderosa, poderia curá-la. A forma indireta de se aproximar de Jesus foi motivada pelo fato de que uma pessoa em seu estado era ritualmente impura e transmitiria sua impureza para quem quer que tocasse (Lv 15,25-30). A cura é instantânea e completa e Jesus não disse qualquer palavra e nem lhe impôs as mãos (5,23). Jesus, tendo consciência da força que dele saía, voltou-se para a multidão e perguntou: “*Quem tocou minhas roupas?*”, Ele pede uma resposta, mas os discípulos encontram dificuldades, então, a mulher amedrontada e trêmula, *contou-lhe toda a verdade*: seu toque no manto dele e o resultado. *A tua fé te salvou* (5,34). Essa mesma fórmula aparece no relato de Bartimeu (10,52). Sua fé estava direcionada para Jesus como vínculo do poder de Deus. Neste contexto a expressão verbal “salvou” tem o mesmo sentido de “curou” (5,23.28). *Vai em paz, fica curada deste teu mal*. Esta fórmula de despedida do Antigo Testamento é acompanhada pela promessa de cura permanente.

5. “Senhor, se queres, tu podes curar-me”

A narrativa do episódio de Lc 5,12-16, o encontro do leproso com Jesus, caracterizado pela prostração e invocação “Senhor”, caracteriza toda a cena: é a salvação dada por Jesus a um homem que lhe implora com fé. O leproso representa o homem excluído, impuro, imundo, que é reintegrado, purificado pelo gesto e a palavra eficaz de Jesus. Os termos usados por Lucas para indicar a “cura” do leproso são de caráter religioso-cultural: “ser purificado”. “A tradição evangélica da qual depende Lucas (evangelho de Mc e da fonte Q) selecionou alguns milagres de cura ou libertação do mal físico e os releu sob o aspecto religioso”¹⁹. Outros exemplos do ministério de Jesus para com os marginalizados encontram-se em Lc 7,22, 17,11-19.

De acordo com Brown, Fitzmyer e Murphy “o contato com um impuro tornava o outro impuro também. Preocupações humanitárias, e não tabus religiosos, impe-

19. FABRIS; MAGGIONI, *Os Evangelhos* (II), p. 207.

lem o comportamento de Jesus”. *Eu quero*. Ao remover as referências à misericórdia de Jesus (Mc 1,41) e à ira de Jesus (Mc 1,43), presentes em sua fonte (Mc 1,41-45), Lucas enfatiza o poder da vontade e da palavra de Jesus²⁰. No texto de Lucas vemos que a purificação acontece imediatamente: *Sê purificado! E imediatamente a lepra o deixou*. Para Lucas, o homem já está puro, santificado por Jesus, o Santo de Deus. Mas, mesmo assim, vai ao Templo para se mostrar ao sacerdote, significando, para Lucas, a fidelidade de Jesus à lei. O acento que põe o evangelho de Lucas sobre a escuta: “A notícia a seu respeito, porém, difundia-se cada vez mais, e acorriam numerosas multidões para ouvi-lo” (5,15), sublinha a necessidade da escuta dos ensinamentos a respeito da procura sincera da vontade e do plano salvífico de Deus.

Considerações finais

Os evangelhos deixam claro que o ministério integral de Jesus consistia em *pregar* o evangelho do reino, *ensinar* (discipular), *curar* os enfermos, *operar* milagres, *expulsar* os demônios, *ressuscitar* os mortos. Jesus inscreve a cura na obra criadora que reúne todos os homens numa única humanidade. O ser humano é uma unidade psicossomática e é nessas dimensões que ele é curado pelo Cristo. A cura significa sempre uma transformação profunda da pessoa, uma verdadeira conversão: de curado ele se torna curador – curador ferido. O doente não recebe só a saúde, mas também a salvação.

A necessidade da fé, nos relatos de cura, é uma espécie de fórmula fixa: “a tua fé te salvou”; “grande é a tua fé”; “tudo é possível a quem crê”. A fé consiste antes de tudo em acolher a Deus e seu plano de amor, entregando-se inteiramente a ele. Por isso ela implica também confiança e uma atitude coerente que traduz na vida a “obediência da fé”. É a fé que opera pelo amor.

A estratégia terapêutica, ou seja, o procedimento para tratar uma saúde e obter a cura nos relatos bíblicos se apresenta como um modelo explicativo para estabelecer uma hierarquia entre o natural do sobrenatural, entre o social do pessoal. A cura evangélica possibilita uma interpretação da doença não como uma patologia, uma forma de desvio social, um estigma a quem possui, mas como uma realidade humana significativa. Durante vários séculos os indivíduos foram abandonados pela sociedade, família e amigos e condenados a viver em um ambiente em total situação de privação de suas necessidades básicas e afetivas, o que acabaria por levá-los à morte. A referência à família pode ser reveladora do tratamento da doença. Tal referência já está implícita no nome do cego de Jericó (Mc 10,46-52), o “filho de Timeu”. A família era a instituição mais importante no mundo antigo, e também o ambiente onde se buscava a cura. Bartimeu se aproxima de Jesus depois de ter procurado a cura na medicina popular sem tê-la encontrado. A condição de Bartimeu não se define em termos de carência física, mas de exclusão social, pois a cegueira incapacitava para participar ativamente nas principais interações sociais.

20. BROWN et al., *Novo comentário Bíblico*, p. 251.

A proximidade na marginalidade se configura hoje com o doente de Aids ou com os portadores de hanseníase e ou outras doenças incuráveis. A sintomatologia psicológica atesta sua condição de vida. Essas doenças deixam profundas cicatrizes no ser humano, o estigma permanece em seu corpo, em sua mente e em sua alma. A pessoa sente-se estigmatizada, excluída da família e da comunidade, castigada por Deus, deprime-se, isola-se, tem medo, faltam-lhe energias para enfrentar os desafios e as tarefas cotidianas. Todos estes sentimentos parecem reduzir ao extremo as possibilidades da pessoa. Ela se percebe sem alternativas. Recuperar a credibilidade da própria existência e interpretar a cura em termos de salvação parece ser uma das estratégias terapêuticas que permite desvendar qual é o propósito das curas de Jesus para nossa sociedade. Acredita-se ser de fundamental importância oferecer um trabalho pastoral, com uma abordagem interdisciplinar, que promova a educação em saúde e o sentido do sofrimento para a população em geral à luz das experiências bíblicas e contribua de modo significativo para que estes sujeitos descubram seus valores como seres integrantes da sociedade, ajudando-os no seu processo de reintegração e reinserção social.

Bibliografia

- BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. *Novo comentário Bíblico*: São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2011.
- CZERESNIA, D.; FREITAS, C.M. (org.). *Promoção da saúde*: conceitos, reflexões e tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
- FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos* (II). São Paulo: Loyola, 1992.
- MONASTERIO, R.A.; CARMONA, A.R. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. 4. ed. São Paulo: Ave Maria, 2000. (Introdução ao estudo da Bíblia, 6).
- PAGOLA, J.A. *Jesus*: aproximação histórica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SCHNELLE, U. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2010.
- SONTAG, S. *AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- TRONCA, I. *As máscaras do medo*: leprAids. São Paulo: Unicamp, 2000.
- TURIOT, C. Cura. In: LACOSTE, J. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium*. In: Vaticano II: mensagens, discursos, documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- VENDRAME, C. *A cura dos doentes na Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2001.

Clélia Peretti

R. Oyapock, 99, apto. 302 – Cristo Rei
80050-450 Curitiba, PR
clelia_fael@hotmail.com